



R E V I S T A V I S U A I S

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNICAMP

Territórios sensíveis
Ecologias e
Corpos emergentes
em
práticas artísticas
situadas

Walmeri Ribeiro

Brasil. Artista-pesquisadora, professora da Universidade Federal Fluminense, onde coordena o Laboratório de Pesquisa em Performance, Mídia Arte e Questões Ambientais - BrisaLAB. É também professora dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes PPGCA|UFF e Pós-Graduação em Artes Visuais-PPGAV|EBA|UFRJ. Pós-doutora pela Concordia University| Canadá, é bolsista de pesquisa FAPERJ. Desde 2014, desenvolve o projeto de pesquisa e criação artística Territórios Sensíveis.
ribeiro.walmeri@gmail.com

Territórios sensíveis¹. Ecologias e Corpos emergentes em práticas artísticas situadas

Resumo

Partindo de uma breve introdução sobre a Performance como Pesquisa - PaR, esta escrita apresenta a metodologia, conceitos e procedimentos que fundamentam as ações desenvolvidas nos projetos da Plataforma Territórios Sensíveis. Ao longo do percurso de pesquisa que, por sua vez, atua no campo de diálogo entre arte e Antropoceno, alguns conceitos e procedimentos tornam-se basilares e serão aqui apresentados, como: experiência, processualidade, conhecimento corporificado, emergência e ecologias emergentes.

Palavras-chave

Corpo, território, territórios sensíveis, arte e antropoceno

Territorios sensibles. Ecologías emergentes y cuerpos en prácticas artísticas situadas

Resumen

A partir de una breve introducción sobre el Desempeño como Investigación - PaR, este escrito presenta la metodología, conceptos y procedimientos que fundamentan las acciones desarrolladas en los proyectos de la Plataforma de Territorios Sensibles. A lo largo del recorrido investigativo que, a su vez, opera en el campo del diálogo entre el arte y el Antropoceno, algunos conceptos y procedimientos se vuelven fundamentales y serán presentados aquí, tales como: experiencia, proceso, conocimiento corporeizado, emergencia y ecologías emergentes.

Palabras clave

Cuerpo, territorio, territorios sensibles, arte y Antropoceno

Sensitive territories. Emerging ecologies and bodies in situated artistic practices

Abstract

This writing begins with a brief introduction to Performance as Research (PaR), and then presents the methodology, concepts, and procedures that underlie the actions developed in the projects of the Sensitive Territories Platform. Along the course of the research, which operates in the field of dialogue between art and the Anthropocene, some concepts and procedures become fundamental and are presented here, such as: experience, processuality, embodied knowledge, emergence, and emerging ecologies.

Keywords

Body, territory, sensitive territories, art and Anthropoceno

¹ Este projeto foi contemplado com o prêmio *Cultural and Artistic Response to Environmental Change*, Prince Claus Fund e Goethe Institut e com a bolsa Jovem Cientista Nosso Estado-FAPERJ - E-26/202.778/2019

Performance como Pesquisa - PaR: uma breve introdução

Como um campo expandido dos estudos da performance, a performance como pesquisa- PaR (*Performance as Research*), é entendida como uma investigação em ação. Tal como alerta a artista e pesquisadora finlandesa Annette Arlander (2017), difere-se da ideia de outras metodologias artísticas de pesquisa como a “*arte based research*” (arte baseada na prática), *practice as research* (prática como pesquisa), *art practice as research* (prática artística como pesquisa) etc., pois, seu foco está na performance enquanto prática de investigação artística, no fazer como um método de investigação de dados e de materiais, mas também de compartilhamento dos resultados desta investigação.

Esta metodologia vem sendo aplicada não apenas pelo campo das artes, mas também pelas ciências humanas e sociais. Nas artes, comumente, a performance como pesquisa - PaR é entendida como parte da chamada virada performativa, o que tem caracterizado as artes desde os anos 60. Erika Fischer-Lichte, em seu livro “*Power of Performance*” (2008), considera que a virada performativa das artes reconfigurou a relação entre o observador e o observado, o artista e o público. A arte foi reconfigurada e transformada, de modo que já não existe uma diferença entre a obra em si e a sua produção; os artistas produzem acontecimentos e o público é convocado a participar deste acontecimento, tornando-se parte da obra.

Voltando ao pensamento de Annette Arlander (2017), uma virada implica que a nossa atenção foi reorientada e alargada, neste caso para considerar nas artes as implicações do corpo e desse conhecimento corporificado, enfatizando a importância das práticas artísticas. Em seu texto “*Multiple futures of performance as research?*” (2017), cita o posicionamento de Estelle Barrett ao dizer que:

A pesquisa orientada para a prática é uma investigação generativa que se baseia em metodologias subjetivas, interdisciplinares e emergentes que têm o potencial de alargar as fronteiras da investigação (...) Barrett defende que as abordagens pessoalmente situadas, interdisciplinares, diversas e emergentes da investigação em artes contradizem frequentemente o que se espera de uma pesquisa, embora o seu próprio potencial resida nesta capacidade de gerar conhecimento pessoalmente situado e novas formas de modelar e exteriorizar esse conhecimento, ao mesmo tempo que revela contextos filosóficos, sociais e culturais para a intervenção crítica e a aplicação dos resultados do conhecimento (...) Salienta ainda, como a aprendizagem situada ou a investigação demonstra a unidade entre problema, contexto e solução e como o interesse e a experiência pessoais motivam frequentemente o processo de investigação. (Barrett in ARLANDER, 2017, p.337)

Barbara Bolt é outra pensadora citada por Arlander, para quem a arte opera como efeito nos domínios material, afetivo e discursivo. “Conseqüentemente, a principal tarefa do pesquisador em artes é reconhecer e mapear as transformações que ocorreram, no entanto, a forma de avaliar estes efeitos ou conseqüências discursivas, materiais ou afetivas permanece em aberto”. (Bolt, in ARLANDER, 2017, p.341)

Em Territórios Sensíveis, partimos da performance como pesquisa, como metodologia que baliza nossas práticas situadas e toda a implicação do corpo e do conhecimento corporificado, para a discussão de possíveis ecologias emergentes (Eben Kirksey, 2015). Assim, nossa proposição metodológica, a partir da PaR, dialoga com conceitos de processualidade, experiência, presença, acontecimento e emergência. Ao apresentar nossas práticas de pesquisa-criação em Territórios Sensíveis, este breve ensaio busca dialogar também com a pergunta deixada por Arlander sem seu texto:

O que é que a PaR pode oferecer para a sustentabilidade da prática de investigação acadêmica e nas sociedades mais vastas em que vivemos? Que formas sustentáveis de PaR estão evoluindo a nível local e global e como é que isso se reflete em questões sociais, ecológicas, geográficas e mesmo geológicas mais vastas que enfrentamos ao trabalho conjunto entre disciplinas, métodos e culturas? (ARLANDER, 2017, p.347)

Territórios sensíveis: a potência do corpo em performance e os desafios da arte em tempo de crises

Como uma plataforma de pesquisa e criação em artes e ciências, interessada no diálogo entre o campo das artes e das questões ambientais, sobretudo, nas relações entre corpo, performance, mídia arte e questões ambientais, propomos nossas práticas de pesquisa e criação, como práticas socialmente engajadas, colaborativas e performativas. Prática que tem como princípio direcionador um mergulho na dimensão processual da experiência em busca da emergência de questões, assim como, de formas de investigar, discutir e apresentar as questões emergentes.

Esse mergulho processual proposto, assim como a busca e a incerteza de/por um fenômeno emergente, não é uma tarefa fácil a artistas e a cientistas que muitas vezes chegam aos territórios de trabalho com uma pesquisa conceitual, histórica e informacional que já direcionam suas ações e pensamento. Romper com nossas ideias pré-concebidas é uma tarefa árdua, assim como, lançar os moradores destes territórios a uma outra experiência com o território habitado que não seja a experiência cotidiana.

A cada edição da Plataforma Territórios Sensíveis, partimos das seguintes perguntas:

Como tornar nossos corpos disponíveis ao encontro de algo que ainda está por emergir? Como potencializá-los, tornando-os porosos às relações de troca e de escuta para com o outro e para com o território experienciado? Como ampliar todo o aparato sensorial e perceptivo de nossos corpos, lançando-o à experiência e à emergência?

Na construção desta proposta metodológica, ancorada na PaR, e que se propõe colaborativa, operando na prática conceitos como experiência, processualidade, conhecimento corporificado e emergência, alguns pensadores foram fundamentais, entre eles Alfred North Whitehead e Brian Massumi (experiência e processualidade), Erin Mannig (gestos mínimos e processualidade), Annette Arlander (PaR e conhecimento corporificado) e Ben Spatz (conhecimento corporificado). No entanto, neste breve texto, vou me ater ao conceito de experiência e dois olhares que ajudaram a tornar este conceito um procedimento de criação. Para o filósofo processual Alfred North Whitehead (1978), a experiência não nasce no fluxo puro, na continuidade pura, mas sim nos rompimentos, nos cortes, na fragmentação. A dimensão processual da experiência não está na continuidade, mas nas mudanças, nas pequenas mudanças e deslocamentos que ocorrem nesta continuidade. Já para o filósofo canadense Brian Massumi (2002), experiência é a dimensão incorpórea do corpo, experiência é intensidade. Segundo o autor, seria a partir desta intensidade, dessa dimensão incorpórea do corpo que o conhecimento emerge, e com ele novos pensamentos, a proposição de novas ações, possibilidades ou novos questionamentos que nos lançam em diferentes desafios.

Pensarmos, portanto, um corpo em performance, - enquanto prática de investigação artística, tendo o fazer como um método de investigação de dados, de materiais, mas também de compartilhamento dos resultados desta investigação -, é pensarmos um corpo capaz de produzir conhecimento corporificado (*embodied Knowledge*), fruto de um corpo em movimento, imbricado num determinado tempo e espaço, imerso em experiências que só acontecerão a partir da relação entre o corpo e o território experienciado.

Quando um corpo está em movimento, ele não coincide consigo mesmo. Coincide com a sua própria transição: sua variação [...] Em movimento,

um corpo está em relação imediata, desdobrando-se em seu próprio potencial. (MASSUMI, 2002, p. 22)

Ancorada nessas premissas, a prática de pesquisa e criação artística em Territórios Sensíveis, parte de um deslocamento desse corpo|sujeito a uma abertura à coletividade e à ecologia emergente, a partir de processos de inter-retroação entre nós humanos e as vidas e corpos não-humanos.

Nos estudos de sistemas complexos, um fenômeno emergente é caracterizado pelo surgimento de um comportamento que se dá de forma coletiva, a partir da interação entre múltiplos agentes do sistema. Esses fenômenos nunca se dão de forma individual ou singular, apenas coletivamente. Já nos estudos propostos para ecologias emergentes, entende-se essa ecologia como conjuntos bióticos e sociais, materiais e conceptuais de seres vivos, paisagens e territórios sempre em processo de formação.

Portanto, é acreditando na potência de um corpo em performance, em movimento e na emergência de um conhecimento que se dá no e a partir do corpo - através de processos de inter-retroações entre os corpos humanos e não humanos e o território experienciado -, que mergulhamos nos territórios pesquisados. Vamos em busca de questões emergentes, assim como modos de vida e de coexistência, que possam nos ajudar a buscar novas formas de viver tanto no contexto local quanto global. Deste processo surgem questões, pensamentos, conhecimento, formas poéticas e estéticas que podem colaborar na construção de uma discussão sensível e crítica de problemas urgentes do nosso tempo, sejam estes sociais, ambientais, econômicos, geográficos, geológicos e artísticos.

O projeto tem buscado atuar em territórios que se encontram submetidos a impactos ambientais drásticos, irreversíveis e, muitas vezes, já em estado de ruína, - ou seja, territórios explorados por grandes companhias nacionais e internacionais, diante de todo o seu potencial e riqueza mineral, vegetal e fóssil, assim como territórios que sofrem com o impacto das mudanças climáticas. Essas questões aproximam a arte e o antropoceno como dois campos de pesquisa que se interconectam. Esse espaço de pensamento e ação, entre as artes e o antropoceno, ainda está em construção, o que abre caminho para a investigação de novas práticas artísticas e à discussão sobre o lugar da arte neste momento de debate. Pois, pensar a arte em tempos de crises em toda sua potência afetiva, estética e política atuando como forma de invenção de novos modos

possíveis de existência e coexistência, assim como, de um empoderamento social e político, individual e coletivo, nos lança à urgência de torná-la conectiva, operando como um sistema que busca por ecologias emergentes.

Claire Bishop, em seu livro “Artificial Hells: participatory Art and the politics of spectatorship” (2012), ao discutir a “virada social nas artes”, propõe que esta virada está menos relacionada a uma questão estética do que a “formas” ético-políticas de fazer arte, a partir da participação e do engajamento do participante, em processos de criação que se dão em acontecimento, num fazendo, em continuidade de ação. Neste sentido, as práticas conectivas em artes tornam-se um “como” fazer, dialogando diretamente com a proposição da virada performativa das artes, como discutimos no início deste texto. Este “como” propõe novos modos de criação, engajamento, conexão, fluxo de produção artística, assim como, a própria ruptura com a ideia de objeto ou obra. A construção desse modo de fazer arte exige a proposição de novos métodos e procedimentos de criação, de um novo vocabulário tanto para artistas, quanto para curadores e críticos. Isto é, uma nova forma de pensar e agir diretamente relacionada à potência da arte e sua ação propositora na construção sensível de um pensamento crítico e da ativação do imaginário. Com o desejo de investigar novas práticas artísticas, chegamos a uma tríade de ações: Sentir, Imaginar, Agir.

Práticas conectivas em Artes: Performance | Meditação Ativa | Emergência Poética

É importante dizer que a metodologia proposta como balizadora de nossas ações em Territórios Sensíveis, vem sendo tecida por muitos corpos, encontros, territórios e suas relações, desde as primeiras ações em 2013, antes mesmo de a plataforma existir.

As experiências imersivas em cada território nos levam a muitas rupturas e desafios. O primeiro deles foi ao trabalhar com corpos cotidianos, de pessoas não iniciadas nas práticas e processos da arte contemporânea, moradores de comunidades tradicionais pesqueiras, quilombolas e indígenas, que vivem nesses territórios. Experiências que exigiram o rompimento com procedimentos e técnicas das artes do corpo, comumente empregadas no treinamento de atores, performers, dançarinos. O primeiro desafio foi então foi rever todas essas técnicas e procedimentos, abrindo espaço para que novas práticas emergissem e pudessemos começar a investigá-las coletivamente, entre elas as práticas meditativas ativas.

A meditação ativa, ou seja, meditação em movimento, propõe a atenção plena, um estar no aqui e agora, ampliando todo o aparato sensorial, perceptivo e cognitivo do corpo. O estar em movimento, em performance, numa meditação ativa, potencializa este corpo, gerando um corpo poroso, disponível ao encontro. É tornar este corpo atento e aberto aos estímulos que surgem das relações de troca com o outro e como o território, um outro composto por humanos e não humanos, um outro que podemos denominar como “paisagens multiespécies” (Tsing, 2019).

[...] um corpo poroso não é um corpo cotidiano, mas, tampouco é apenas um corpo em deslocamento, em movimento. Um corpo poroso é uma forma de ser e estar no mundo, de se conectar, de se misturar, criando zonas de contaminação e contágio, sem bordas, sem fronteiras, sem hierarquias entre espécies. Um corpo que busca por um outrar-se, um construir-se, construindo, em conexão. Um corpo poroso é um corpo disponível, permeável, em estado de atenção plena. Um corpo capaz de sentir, escutar e incorporar (tornar corpo) micro-movimentos, micro-sonoridades, tatilidades e temporalidades, bem como, os macro-movimentos e a amplitude do todo no qual está inserido. O corpo poroso é, portanto, um estado de existir e agir no mundo. Um estado de ser numa poética do Outrar-se e de construir Mundos-Outros, Outrando-se. (RIBEIRO, 2021, p.57)

A meditação ativa é a base de preparação para uma das primeiras ações que realizamos nos territórios, o mapeamento performativo². Um mapeamento realizado com nossos corpos em movimento, em meditação ativa e em relação com os territórios pesquisados. Este é um dos primeiros momentos de emergência de questões, ruptura com pensamentos pré-concebidos e conexão.

Como parte desse mapeamento performativo e emergência poética, propomos a criação de diagramas que nos guiam no desenvolvimento de cada projeto e nas ações a serem desenvolvidas num primeiro momento, pois essas vão também sendo modificadas, ampliadas, revistas a cada dia de imersão e pesquisa.

Como disse acima, a performance, como campo de estudos e como prática performativa de investigação, criação e ação nas conjunturas sociais, políticas e ambientais, está na base do pensamento para o desenvolvimento de ações e procedimentos, ou seja, na construção desse “como”, como proposto por Bishop.

² Veja exemplos em: <https://www.territoriossensíveis.com/baiadeguanabara>

Pensarmos esse corpo poroso e a emergência de questões políticas, sociais, ambientais, mas também poéticas e estéticas, nos lança num campo onde a prática artística surge como ecologias emergentes, sempre em construção e transformação.

Nossas práticas estão balizadas na prática artística como acontecimento. Fundamentada na processualidade provoca encontros, rupturas, mudanças e, sobretudo, deslocamentos. Trata-se, portanto, de uma prática artística conectiva que busca por formas e modos de engajamento dos participantes, tornando-os propositores e não apenas espectadores ou participantes. Assim, propomos um método de criação que se dá só e apenas a partir do corpo, da experiência e do compartilhamento de ideias, questões, modos de vida, em toda sua dimensão sensível, política e social. A isso chamamos emergência poética.

Para finalizar este breve texto, convido você leitor a uma breve experiência, a colocar-se em performance e, se possível, tecer conexões e emaranhados em busca de emergências poéticas.

Imergir

Este é um convite a silenciar, sentir, escutar, cheirar e mergulhar em uma experiência imersiva. E, assim, Imergir.

.....

Tire os sapatos.
Sente-se no chão numa posição confortável.

Respire fundo.

Feche os olhos.

Respire.

Inspire, e abra espaço em seu corpo.
Expire.

Perceba-se aqui e agora.

Esta é uma prática de ser e estar.

....

Repare no movimento do seu corpo.

Mantenha este movimento.
Este tornar-se-á mais profundo e mais lento.

Continue a respirar por dez minutos.

....

Abra os olhos devagar e com cuidado.

Saia do seu espaço confortável.
Em silêncio, encontre um lugar onde queira fazer esta experiência, em sua própria casa, na rua onde mora, num parque próximo, na praia, na beira de um rio...

Mantenha a sua respiração ativa.
Ao caminhar, mantenha a respiração, a atenção sobre o movimento do ar no seu corpo.
Respire fundo.
Inspire.
Expire.

....

Enquanto caminha, observe os movimentos, as pequenas coisas, os pequenos corpos não humanos, os corpos humanos, observe os sons, os cheiros, os micros movimentos do seu corpo e os micros e macros movimentos do entorno.

Observe e perceba-se observado.

....

Quando encontrar o seu lugar.
Pare e apenas olhe para a paisagem durante alguns minutos.

Respire fundo.

Inspire.
Expire.

....

Quando estiver pronta(o) para entrar, vá para lá, adentre este lugar.
Permaneça no aqui e agora.
Sustente a respiração.

Leve o seu tempo.

Esteja no aqui e agora.

Estamos construindo uma comunidade, juntos,
humanos e não-humanos.

Leve o seu tempo.
Fique no aqui e no agora.

Quando quiser sair,
saia e observe as mudanças em você e no seu entorno. Olhe novamente este território e perceba o que aconteceu.

....

Se quiser, escreva, descreva ou desenhe essa experiência.
Se quiser compartilhar, me envie por email.

....

Esta é uma prática de presença.
Esta é uma prática de conexão e construção de territórios-corpos e corpos-territórios.
Esta é uma prática de sentir, ouvir, cheirar e estabelecer uma nova forma de relação entre o seu corpo e o corpo mundo|biosfera.
Esta é uma prática de transformar os nossos corpos adormecidos e dessensibilizados em corpos porosos, sensíveis, capazes de perceber mais do que as ações, vozes, sons e a presença humana.
Esta é uma prática de estar em performance e de construir outros possíveis modos de existência e coexistência.
Este é um acontecimento.

Referências

- ARLANDER, Annette. "Introduction to future concerns: Multiples future of Performance as Research? In *Performace as Research: Knowledge, Methods, Impacts*. London: Routledge, 2017. <https://doi.org/10.4324/9781315157672>
- BISHOP, Claire. *Artificial Hells: Participatory art and the politics of spectatorship*. London: Verso, 2012.
- FISCHER-LICHTE, Erika. *Transformative Power of Performance: A New Aesthetics*. London|New York: Routledge, 2008.
- KIRKSEY, Eben. *Emergent Ecologies*. London: Duke University Press, 2015.
- MANNING, Erin. *The Minor Gesture*. Durham: Duke University Press, 2016.

MANNING, Erin. "O que as coisas fazem quando se moldam: O caminho do anarquivo" In: Ribeiro, Walmeri, Org.; Briones, Héctor, Org. *Artes: novos modos de habitar/viver*. São Paulo: Intermeios, 2019.

MASSUMI, Brian. *Parables for the virtual: movement, affect, sensation*. London: Duke University Press, 2002.

RIBEIRO, Walmeri. "Poéticas do Outrar-se: A potência de corpos porosos na criação de mundos possíveis" In: Guto Nóbrega; Malu Fragoso. (Org.). *Hiperorgânicos: Consciência e Natureza*. Rio de Janeiro: Circuito, 2021, v. 3, p. 55-72.

SPATZ, Ben. 2017. "Embodiment as First Affordance: Tinkering, Tuning, Tracking" In *Performance Philosophy*. VOL 2, NO 2: 257-271, DOI: <https://doi.org/10.21476/PP.2017.2261>

TSING, Anna L. *Viver nas ruínas: Paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WHITEHEAD, Alfred North. *Process and Reality*. Nova York: Free Press, 1978.